



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE MIRACEMA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ISMAEL BARRETO NEVES JUNIOR

**RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DAS/DOS
PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO
SUPERIOR PUBLICAS DO TOCANTINS**

MIRACEMA DO TOCANTINS/TO

2021

ISMAEL BARRETO NEVES JUNIOR

RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DAS/DOS
PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO
SUPERIOR PUBLICAS DO TOCANTINS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal do Tocantins – Campus
Universitário de Miracema, Curso de Educação
Física para obtenção do título de licenciatura
em Educação Física. Orientadora: Profa. Dr.^a.
Erika da Silva Maciel.

Orientador(a): PHD, Erika da Silva Marciel.

MIRACEMA DO TOCANTINS/TO

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- N518r Neves Junior, Ismael Barreto .
Relações de Gênero e Sexualidade na Formação das/dos professoras/as de Educação Física nas Instituições de Ensino Superior Públicas do Tocantins. / Ismael Barreto Neves Junior. – Miracema, TO, 2021.
33 f.
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Educação Física, 2021.
Orientador: Erika da Silva Maciel
1. Educação Física. 2. Gênero. 3. Sexualidade. 4. Currículo. I. Título

CDD 796

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ISMAEL BARRETO NEVES JUNIOR

RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DAS/DOS
PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO
SUPERIOR PUBLICAS DO TOCANTINS

Monografia apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitario de Miracema, Curso de Educação Física, foi avaliado para obtenção do título de Licenciatura e provada em sua forma pela Orientadora e pela banca Examinadora.

Data de aprovação 14/04/2021

Banca examinadora:

Prof.(a) Dr.(a) Erika da Silva Marciel, Orientador(a), UFT.

Prof.(a) Ms.(a) Lucas Xavier Brito, Examinador(a), UFT.

Prof.(a) Ms.(a) Milena Carlos de Lacerda, Examinador(a), UFT

AGRADECIMENTO

“ as lágrimas que eu derramei, com a fé no meu pai, já não derramo mais,a dor que eu sentia, hoje eu não sinto mais, porque eu tenho fé no meu criador”(prece das/dos pretos(as) velhos).

Meu agradecimento,primeiramente, vai para minha mãe *In Memoriam*Rosemary Roberto Amorim de Carvalho, seu nome vai ficar registrado em meu TCC como sua vida ficou registrada em meu DNA e coração, lembra quando a gente falava sobre estudar em uma Federal e esse era seu sonho e eu disse que ia realizar, o mais louco disso, é que você não está aqui e eu fiz isso em outro estado, agora realizei seu sonho, fique em paz, pois de agora em diante vem os meus sonhos. Sim, tornei-me professor, algo que nunca imaginei.

Ao meu pai, Ismael Barreto Neves, um homem que não pôde continuar estudando, porque a ditadura não permitiu, mas que aos 57 anos passou na Federal de Rondônia, ele foi minha inspiração para voltar a estudar, pensei:“meu pai está começando a vida nessa idade, eu também posso!” obrigado, pai, por todo apoio e inspiração.Quero agradecer a minha irmã,IslineOverlarque Amorim Neves, que sempre me apoiou, sempre tinha e têm os melhores conselhos, mesmo sendo mais nova que eu, mostrando que idade não tem nada aver com sabedoria, obrigado por sempre ser o vento que sopra minhas asas.

Agradeço a toda minha família, mas, em especial,àquela que é biologicamente prima, mas emocionalmente é mãe, irmã, amiga e mentora, Maria Clara Barreto Crispim Acursi, desde o dia que fui embora de Rondônia, primeiro para trabalhar, até hoje, no meu processo de formação, ela esteve sempre aqui, com palavras, acolhimento, com sua luz, financeiro também.Obrigado, prima e família.

Sobre família, preciso falar, família não é so de sangue, mais aquela que fazemos no longo da caminhada e fiz algumas nessa jornada, dedico aos meus irmãos Witano de Oliveira; Yasmim Parreãoe Amanda Santana, só nós sabemos como foi construir um lar lindo e Verde a tão famosa “Casa Verde”, um lar que me acolheu, abrigou, alimentou e criou-se muitas estórias (risos).

Ainda sobre família, preciso dedicar todo esse ciclo a minha família que a Umbanda sagrada me deu, ao meu Pai, Sergio Santos,à minha Mãe, Maria Auxiliadora, ea todos os meus irmãos que estiveram presentes em todos os momentos de minha caminhada nessa formação e ao meu querido irmão,Wadnily Gonçalves, por sempre me acolher.

Finalizo o núcleo família, dedicando este TCC a família que me acolheu e foi aquela família torcida de arquibancada e Sonaira obrigado por me fazer amar as disciplinas biológicas(risos) obrigado mãe Sonha de Maria e a minha irmã de alma Sonaira Bernardes e ao Leonardo Bernardes, vocês foram meus pilares, e me ajudaram em todos os momentos dessa jornada.

Agradeço aos profissionais que me inspiraram para entrar no curso de Educação Física, obrigado Marília Veloso por ter me levado a minha prova do Enem e me ajudado no português, obrigado Rafael Araujo por ter me mostrado o amor pela profissão e a minha Prima Manuela Neves que sempre trabalhou com brilho nos olhos, vocês fazem desse meu ciclo.

A toda rede de apoio, que foi criada em Miracema, em nome do PhyllypySchmidt, morador e amigo de Miracema, estendo meus agradecimentos aos que me receberam nesta cidade que está guardada em meu coração sintam-se abraçados/as.

Meus agradecimentos agora é para toda a equipe de funcionários terceirizados do câmpus Miracema, obrigado meninas e meninos, pelos cafés, conversas, risadas, obrigado por esta troca incrível, por suas histórias e por todo amor que vocês tiveram por mim; Luzineide Ribeiro, Ana Cláudia, Vandecleia Gomes (Vanda), Nolema Alves, Elda Alves, Eva Dias, Cármem Lúcia, Eliane Maria, Vilmones Batista, Jarbas Ribeiro, Gilmar Ribeiro, Jocivam Soares, aos seguranças: João Paulo, Marcos da Silva, Sandro Alves, Sebastião Cândido, Leandro Alves, Gleyson Coelho e Gilmar, aos motoristas que me levaram para cada canto desse Tocantins, com eles tive a chance de conhecer os seis câmpus da UFT, obrigado seu Damião e Gilvan e os meninos da manutenção, quantos debates hein: Antônio, João, Osvaldo.

Agradeço ao Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão Sexualidades, Corporalidade e Direitos por ter me inserido no pilar mais desafiador da Universidade que foi a Extensão e o Ensino, em nome da professora Milena Lacerda agradeço a todas/os que fizeram parte desse momento.

Agradeço ao Movimento Estudantil, que me formou uma pessoa mais consciente e política, que me ensinou que Militante bom é militante que estuda e se forma, e “cá” estou eu, em nome da Bianca Silva e Vinícius Barreto estendo meu agradecimento a todo esse movimento que moldou minha vida.

Agradeço a todo meu corpo docente, que são de uma excelência sem igual, quero agradecer a todos os/as coordenadores(as) que passaram durante minha formação, quero agradecer ao exemplo de quem eu quero ser enquanto professor e quem também não quero, tudo é aprendido.

Minha gratidão a minha Orientadora, Erika Maciel, que sempre esteve comigo, este TCC foi feito em meio a uma pandemia, e digo: não foi fácil! Em vários momentos pensei em desistir, e ela estava lá, junto com o professor Fernando Quaresma, fortalecendo-me e me mostrando que eu conseguiria sim. Obrigado, professora Erika Maciel, suas palavras ecoam ainda em mim “ Ismael chegou a hora de você representar em outras esferas, sua luta agora é com os grandes, continue estudando” e assim vou fazer professora, obrigado ao meu Coorientador, Luan Pereira Lima, você foi imprescindível nesse momento.

Finalizo, agradecendo ao meu Orí, que na cultura africana significa cabeça, agradeço ao meu Ori, pois a educação física, ensina que é preciso harmonizar a mente, o corpo e o espírito. Obrigado ao Meu pai, Xango, à minha mãe, Yansa, aos meus guias espirituais e toda falange que me acompanha. Que venham novos capítulos.

RESUMO

Tendo em vista a diversidade que a escola proporciona, torna-se cada vez mais necessário, na formação do professor de Educação Física (EF), o debate sobre conceitos que serão vivenciados na escola. Dessa forma, esse estudo pesquisou as relações de gênero e sexualidade na formação das/dos professores de Educação Física no interior do Tocantins, a fim de responder à pergunta: Existe o Diálogo de Sexualidade e Gênero nos Projetos Pedagógicos dos cursos de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus Miracema, Tocantinópolis e Instituto Federal do Tocantins, Câmpus Palmas? Para tanto, avaliou-se como a temática Gênero e Sexualidade eram abordadas nos Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) e nas matrizes curriculares dos cursos de Licenciatura em Educação Física das Instituições de Ensino Superior do Tocantins (IES) bem como identificar se nas matrizes curriculares do curso de Licenciatura em EF do IES do Tocantins há disciplinas específicas sobre “gênero” e/ou “sexualidade”, analisar como as temáticas de gênero e sexualidade são abordadas no curso de EF e discutir o lugar das relações de gênero e sexualidade nos currículos dos cursos de Educação Física. Realizou-se então, uma pesquisa de Análise Documental e concluiu-se que a temática é trazida de forma transversal, como muitas ementas as quais apresentam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que tematizam a transversalidade do tema, mas que não aprofundam o debate. Na maioria das ementas foi apenas citado o termo “questões de gênero” ou a palavra “gênero” mais sem acompanhar uma autora(or) que fomenta e debata o tema com mais profundidade.

Palavras-chave: Educação Física. Gênero. Sexualidade. Currículo.

ABSTRACT

In view of the diversity that the school provides, it becomes more and more necessary, in the formation of the Physical Education teacher (PE), to debate the concepts that will be experienced in the school. Thus, this study investigated the relations of gender and sexuality in the formation of / of Physical Education teachers in the interior of Tocantins, in order to answer the question: Is there a Dialogue of Sexuality and Gender in the Pedagogical Projects of Physical Education courses Federal University of Tocantins, Campus Miracema, Tocantinópolis and Federal Institute of Tocantins, Campus Palmas? Therefore, it was evaluated how the theme Gender and Sexuality were addressed in the Pedagogical Course Projects (PPCs) and in the curricular matrices of the Physical Education Degree courses of Higher Education Institutions of Tocantins (IES) as well as identifying themselves in the curricular matrices There are specific disciplines on “gender” and / or “sexuality” in the EF degree program at IES do Tocantins, to analyze how gender and sexuality themes are addressed in the EF course and to discuss the place of gender and sexuality relations in the curricula of Physical Education courses. Then, a Document Analysis research was carried out and it was concluded that thematic is brought across, like many menus which present the National Curriculum Parameters (PCN) that deal with the transversality of the theme, but that do not deepen the debate. In most of the menus, the term “gender issues” or the word “gender” was mentioned more without accompanying an author (or) who promotes and discusses the topic in more depth.

Keywords: Physical Education. Gender. Sexuality. Curriculum.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 – Desenho do estudo	23
------------------------------------	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Documentos considerados na análise dos dados	23
Quadro 2 – Descrição de Disciplinas e IES.....	26

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	JUSTIFICATIVA	14
3	OBJETIVOS	16
3.1	Objetivos Geral	16
3.2	Objetivos Específicos:	16
4	REFERENCIAL TEÓRICO	17
5	METODOLOGIA	21
5.1	Tipo de estudo	21
5.2	Seleção dos documentos	22
5.3	Procedimento de coleta de dados	23
5.4	Etapas do desenho do estudo estão descritas no Fluxograma a seguir	23
5.5	Critérios de inclusão e exclusão	24
5.6	Aspectos éticos	24
6	RESULTADOS	25
7	CONCLUSÃO	29
	REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

O tema gênero e sexualidade é considerado polêmico, pois em nossa sociedade, a cultura social e os valores morais ainda prevalecem, só preconizam alianças entre sexos opostos, preferencialmente no casamento, discriminando quem não cumpre determinada regra moral e social, isto é, aquelas reconhecidas pela cultura dominante, patriarcal e centrada no fálico (ARAUJO; CAMARGO, 2012).

Através de uma pesquisa documental, descritiva e exploratória, de abordagem qualitativa, em que foram analisados os PPC em suas respectivas Matrizes Curriculares e Ementários dos cursos de graduação em Educação Física (licenciatura) da Universidade Federal do Tocantins e no Instituto Federal do Tocantins.

Com a evolução dos debates de gênero, surgiu a necessidade de se pensar a sexualidade não somente atrelada ao sexo biológico, conforme se fazia antes e, com o tempo, foi percebendo-se a necessidade de interseccionar gênero e sexualidade e entender como esse sujeito foi construído socialmente. Ainda, é preciso desconstruir “o caráter permanente da oposição binária masculino-feminino” (LOURO, 2003, p. 31).

Nesse sentido, o gênero não é, de forma alguma, uma identidade ou agência estável para realizar diferentes ações, ao contrário, é uma identidade formada de forma tênue ao longo do tempo, uma identidade estabelecida por meio da repetição estilizada de comportamentos (BUTLER, 2019).

Ao discutir temas transversais, como esse, dentro da formação inicial, torna-se possível o entendimento de várias exclusões que poderiam ser evitadas nesses espaços (ALTMAN, 2013).

A classificação social é realizada por meio de normas de gestão heterossexual e regras binárias de gênero como divisões de fronteiras, que não devem ser questionadas ou transcendidas. A existência dessas pessoas excluídas (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis) dessas redes nas quais os problemas permanentes da universidade transitam entre o encobrimento, o estigma e a rejeição tem de ser expostos a fim de minorar os efeitos do encobrimento forçado. Ao minar o princípio da dignidade humana, essa discriminação assume a forma de violência física e não física (LACERDA; ALMEIDA, 2020).

Ao trazer essa temática para a formação de professores de Educação Física (EF), é possível considerar uma Educação Democrática, na qual a aprendizagem não está condicionada a uma sala de aula institucionalizada. Portanto, a educação democrática rompe a falsa estrutura que separa as universidades corporativas da vida real e sempre tenta tratar o treinamento como

parte de nossa vida real. Ao adotar o conceito de educação democrática, vemos que o ensino acontece constantemente (HOOKS, 2019).

De acordo com a RESOLUÇÃO Nº 2, DE 1º DE JULHO DE 2015 MEC, que está em vigor desde 2017, prevê-se que todas as universidades que oferecem cursos de educação e licenciamento incluam os seguintes tópicos em seus currículos:

Conteúdos relacionados aos fundamentos da educação, formação nas áreas de políticas públicas e gestão da educação, seus fundamentos e metodologias, direitos humanos, diversidades étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional, Língua Brasileira de Sinais (Libras), educação especial e direitos educacionais de adolescentes e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas. (BRASIL, 2015).

Dessa forma, o presente estudo parte da seguinte pergunta: Existe o diálogo de Sexualidade e Gênero, no Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física (licenciatura) da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e no do Instituto Federal do Tocantins (IFTO), para a formação de professores?

2 JUSTIFICATIVA

Atualmente, diferente de tempos atrás, temos mais pessoas se aceitando e permitindo viver suas sexualidades e suas identidades de gênero. Para homens e mulheres, a mídia, educação, cultura, saúde, justiça, movimentos sociais e outros campos vêm condenando esse problema, ou finalmente admitindo: a homofobia é um grave problema social (DINIZ; JUNQUEIRA, 2012).

As estratégias adotadas por gestores e educadores para se desviar da questão da diversidade de gênero na educação, destaca-se enfaticamente: "um acordo infrutífero", "nenhuma medida efetiva foi tomada"; "hierarquia" coloca outros requisitos em primeiro plano, como: analfabetismo, evasão, racismo e estratégias de "rejeição", que tornam os gays / lésbicas / travestis / transgêneros invisíveis no ambiente escolar (JUNQUEIRA, 2009).

Sendo assim, estudos apontam que:

"Em 2019, 329 LGBT+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) tiveram morte violenta no Brasil, vítimas do homo transfobia: 297 homicídios (90,3%) e 32 suicídios (9,7%). Comparativamente aos anos anteriores, observou-se em 2019 surpreendente redução das mortes violentas de LGBT+. O ano recorde foi 2017, com 445 mortes, seguido em 2018 com 420 e agora 329 mortes em 2019, registrando-se, portanto, uma diminuição de 26% face a 2017 e 22% em relação a 2018." (CERQUEIRA; et al, 2019, p. 12).

Segundo Benevides e Nogueira (2020) através da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) que atua no levantamento de dados de pessoas travestis e transexuais no Brasil, aponta que:

É importante ressaltar que a média dos anos considerados nesta pesquisa (2008 a 2020) é de 122,5 assassinatos/ano. Observando o ano de 2020, vemos que ele está 43,5% acima da média de assassinatos em números absolutos. O ano de 2020 revelou aumento de 201% em relação a 2008, o ano que apresentou o número mais baixo de casos relatados, saindo de 58 assassinatos em 2008 para 175 em 2020. Mesmo durante a pandemia, os casos tiveram aumento significativo de acordo com o publicado nos boletins bimestrais ao longo de 2020. (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020, p. 32).

No Brasil a cada 26 horas um LGBT+ se suicida ou é assassinado vítima da LGBTfobia, tornando-se o país campeão mundial de crimes contra minorias sexuais (CERQUEIRA; et al., 2019).

Para entendermos a homofobia é preciso saber como ela é analisada. Em geral, o homofóbico, para se referir a homossexualidade, lança mão de emoções negativas como "nojo, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo" (DINIZ; JUNQUEIRA, 2012).

A escola básica informa e forma um modelo identitário hegemônico, por meio de seu currículo, isto é, ela nunca é neutra, sendo seu conteúdo o único possível e o único que pode ser considerado, portanto a voz dos grupos minoritários termina por ser negada e silenciada na escolha da cultura escolar (ANDRADE; CECILIA; FROEMMING, 2012).

A identificação com o tema se dá a partir do momento que marcadores fora do padrão de gênero e sexualidade que fazem parte da minha existência começaram a se apresentarem de maneira profunda. Fui uma criança gorda, “bicha” e a Educação Física me foi negada por não me permitir adentrar àquele espaço padronizado, hoje continuo sendo um adulto “gordo/bicha” e formando em EF. Percebo que os futuros professores ainda continuam saindo da universidade sem o conhecimento sobre a diversidade sexual e de gênero, perpetuando assim a exclusão de muitos meninos e meninas nas aulas de EF.

Por isso, entendemos a necessidade de propor alterações nos currículos e inserir temáticas de gênero, sexualidade e diversidade na formação dos professores de EF no Tocantins.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivos Geral

Avaliar como a temática Gênero e Sexualidade são abordadas nos PPCs e nas matrizes curriculares dos cursos de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Tocantins e do Instituto Federal do Tocantins.

3.2 Objetivos Específicos:

- Identificar nos PPCs e nas matrizes curriculares dos cursos de Licenciatura em EF das Instituições de Ensino Superior (IES) públicas do Tocantins se há disciplinas específicas sobre “gênero” e/ou “sexualidade”;
- Analisar como as temáticas de gênero e sexualidade são abordadas no curso de EF;
- Discutir o lugar das relações de gênero e sexualidade nos currículos dos cursos de Educação Física.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Desde a década de 1960, os debates sobre sexo, identidade e costumes de gênero têm se apresentado cada vez mais intensos, especialmente causados pelo movimento feminista, o LBGT e os afro-americanos. A nova identidade social tornou-se visível e, no processo de sua confirmação e diferenciação, causou novas divisões sociais e deu origem ao que mais tarde foi chamado de política de identidade (LOURO, 1999).

Os estudos de gênero e feministas, ao apontarem que os corpos não se traduzem em matéria universalmente edificada pelos desígnios da natureza, enfatizaram a importância da utilização do “gênero” como uma categoria analítica, visto que esse conceito é importante para perceber processos pelos quais, no interior de redes de poder, a diferença biológica é tomada para explicar desigualdades sociais, gestando, assim, formas de inclusão e exclusão de sujeitos e grupos. (GOELLNER, 2013, p. 25).

Dessa forma, o conceito passa a exigir que se pense de modo plural. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas também no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos: étnicos, religiosos, raciais, sociais (LOURO, 2003).

Refletir sobre essa forma de representação é imprescindível, visto que o corpo é a cultura e a história do mundo exterior. Como objeto de conhecimento, é uma categoria estabelecida por um discurso específico e, quando enfatiza as diferenças biológicas, é considerada estabelecida e natural. Portanto, o discurso biológico, que legitima as diferenças entre homens e mulheres, nada mais é que uma estrutura de discurso (DORNELLES, 2013).

É importante notar que muitos discursos de gênero contêm questões sexuais de alguma forma. No entanto, antes de prosseguir, pode ser importante tentar fazer algumas distinções entre gênero e sexo, ou identidade de gênero e identidade sexual (LOURO, 2003).

Louro (2003) e Scott et al. (1995) dialogam a necessidade de analisar gênero no campo social e não só nas diferenças biológicas, buscando assim, não legitimar o que é de homem ou que é de mulher, fazendo que pensemos o momento histórico dessas construções e os marcadores sociais que acompanham esse gênero. “Busca-se compreender que a justiça, a igreja, as práticas educativas ou de governo, a política, etc. são atravessadas pelos gêneros” (LOURO, 2003, p. 25).

Corroborando o exposto acima, Butler (2019) apresenta que o gênero não é, de forma alguma, uma identidade ou agência estável que realizará ações diferentes, ao contrário, é uma

identidade formada de forma delicada ao longo do tempo– uma identidade estabelecida por meio da repetição estilizada de comportamentos.

Para Henriques; et al. (2007, p. 16) “Ao se falar em gênero, não se fala apenas de macho ou fêmea, mas de masculino e feminino, em diversas e dinâmicas masculinidades e feminilidades”. Por conseguinte, proporciona a reflexão da importância do conceito como instrumento analítico e político.

Consoante Louro (2000) as possibilidades da sexualidade, das formas de expressar os desejos e prazeres também são sempre socialmente constituídas e as identidades de gênero e sexuais são, portanto, combinadas e definidas por relações sociais, elas são adaptadas pelas redes de poder de uma sociedade. Segundo Henriques; et al. (2007, p. 17) “o termo orientação sexual veio substituir a noção de opção sexual, pois o objeto do desejo sexual não é uma opção ou escolha consciente da pessoa.”

Orientação sexual se refere à direção ou à inclinação do desejo afetivo e erótico. De maneira simplificada, pode-se afirmar que esse desejo, ao direcionar-se, pode ter como único ou principal objeto pessoas do sexo oposto (heterossexualidades), pessoas do mesmo sexo (homossexualidades) ou de ambos os sexos (bissexualidades). (JESUS; et al., 2006, p. 46).

Corroboram com o assunto:

Orientação sexual é um conceito que, ao englobar e reconhecer como legítimo um extremamente diversificado conjunto de manifestações, sentimentos e práticas sociais, sexuais e afetivas, desestabiliza concepções reificantes, heterocêntricas, naturalizantes e medicalizadas (que insistem em falar de homossexualismo). (HENRIQUES; et al. 2017, p. 17).

Segundo Wenez; Schwengber; Dornelles (2017, p. 26) “Os modos de educação e ensino sobre sexualidade e sobre ser/viver com um corpo são produzidos cotidianamente por diferentes pedagogias culturais, entre elas e a escola.”

O processo de educação do corpo e geração de masculinidade mostra como a escola realiza a pedagogia da sexualidade e a disciplinarização dos corpos. Esses métodos de ensino geralmente são sutis, discretos e contínuos, mas quase sempre são eficazes e duradouros (LOURO, 1999).

De acordo com Louro,

O emergente discurso sobre a diferença sexual permitia um amplo leque de respostas sociais e políticas diferentes e, frequentemente, contraditórias. Mas no centro das definições emergentes estavam novas relações culturais e políticas, que eram o

produto de mudanças no equilíbrio de poder entre homens e mulheres. A nova percepção da sexualidade feminina e da biologia reprodutiva tinha sido absolutamente central para o moderno discurso social e político, pois enfatizava a diferença e a divisão, ao invés da similaridade e da complementaridade. (LOURO, 2003, p. 35).

Nesse contexto Pocahy (2012, p. 26) explica que “na escola a sexualidade homossexual é refutada, restando àqueles que confrontam a heteronormatividade poucas alternativas que não “o silêncio, a dissimulação ou a segregação”.

Assim, Wenzel; Schwengber; Dornelles (2017, p. 27) observam que Michel Foucault já “posicionava a sexualidade como um dispositivo de controle e normalização individual e populacional moderno”.

Araujo (2016) ressalta que o estudo de gênero, sexualidades e identidade parece ser um elemento questionador, mistificador e necessário para a transformação profunda do processo de classificação e exclusão que vivemos há centenas de anos”.

Segundo Rocha (2012, p. 183) “o bullying é comumente entendido como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, adotado por uma ou mais pessoas contra outra(s), causando dor, angústia e sofrimento”.

Dialogando com Junqueira (2012), nesse sentido, a homofobia transcende não só o aspecto psicológico, mas também a hostilidade para com os homossexuais (gays e lésbicas), bissexuais e transgêneros (principalmente travestis) e a violência. Envolve até valores, mecanismos de exclusão, caráter e estrutura hierárquica, relações de poder, crenças e sistemas representativos, relações e modelos de identidade, todos voltados para naturalizar, impor, sancionar e legitimar sexo-gênero-sexualidade. “Concentre-se na heterossexualidade e obedeça estritamente às normas de gênero”.

Para Altmann (2013), o PCN propõe cursos próprios sem dar atenção e investir na formação profissional, por isso tem sido criticado pelo meio acadêmico e grupos de ativistas sociais, conversando com Araujo (2016), têm-se uma concepção e um currículo que está, de certo modo, intimamente relacionado às nossas práticas cotidianas e aos nossos valores sociais, culturais e históricos, que são constitutivos de nossa formação enquanto cidadão. Neste sentido, o currículo, na perspectiva dos estudos culturais e dos estudos de gênero, pode ser um mecanismo eficaz para a valorização das diferenças socioculturais, principalmente em relação às questões de gênero, de identidade e de sexualidade que são normatizadas em relação ao poder.

Os parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) citam que:

Por serem questões sociais, os Temas Transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Tratam de processos que estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano. São debatidos em diferentes espaços sociais, em busca de soluções e de alternativas, confrontando posicionamentos diversos tanto em relação à intervenção no âmbito social mais amplo quanto à atuação pessoal. São questões urgentes que interrogam sobre a vida humana, sobre a realidade que está sendo construída e que demandam transformações macrossociais e também de atitudes pessoais, exigindo, portanto, ensino e aprendizagem de conteúdos relativos a essas duas dimensões. (BRASIL, 1988, p. 26).

Incorporar discussões sobre gênero, diversidade sexual e questões de identidade no ambiente escolar pode permitir que nossos alunos e alunas possuam uma sensibilização sobre a necessidade de respeitarmos os outros, sobretudo, no que se diz respeito à sexualidade, algo que é própria ao ser humano (CAMARGO; ARAUJO, 2018).

Corroborando o trabalho :

Cursos de graduação pouco contemplam temas como gênero, sexualidade e diversidade sexual, o que está ligado a vários aspectos. Sem ter a pretensão de abordá-los na sua plenitude, gostaria de me referir a alguns deles. Diferentemente do ensino escolar, as universidades são dotadas de maior autonomia, inclusive no que se refere ao conhecimento. A autonomia universitária propicia tanto a inclusão quanto a ausência desses temas nos seus currículos. (ALTMANN, 2013, p. 79).

Para Araujo (2016) pensar essa nova escola passa pela questão da transdisciplinaridade, porquanto é importante formar esses professores para uma visão aberta, aceitando o desconhecido, recusando sistemas de ensino fechado em dogmas ou ideologias.

5 METODOLOGIA

5.1 Tipo de estudo

Trata-se de uma pesquisa documental, descritiva e exploratória, de abordagem qualitativa, em que foram analisados os PPC em suas respectivas Matrizes Curriculares e Ementários dos cursos de graduação em Educação Física (licenciatura) da Universidade Federal do Tocantins e no Instituto Federal do Tocantins.

A pesquisa documental utiliza-se de fontes secundárias para coleta de dados, como dados governamentais, relatórios, estatísticas, publicações de órgãos públicos ou privados, entre outros, isto é, dados ou informações que não foram tratados coletadas diretamente pelo pesquisador (FLICK, 2009).

Os documentos utilizados nesse estudo foram aqueles que corroboravam com o objeto de estudo, bem como o problema a que se buscava uma resposta, no caso o PPC. Neste sentido, ao pesquisador coube a tarefa de encontrar, selecionar e analisar os documentos que serviram de base aos seus estudos (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015).

O uso de documentos configura-se em recurso importante na pesquisa científica, pois por meio deles é possível extrair e resgatar uma riqueza de informações, possibilitando ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Considerando o objetivo proposto, “avaliar como a temática Gênero e Sexualidade são abordadas e nos PPCs e nas matrizes curriculares dos cursos de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Tocantins e Instituto Federal do Tocantins”, foi realizada análise qualitativa dos documentos selecionados, tendo como referencial teórico a Educação Democrática na qual a aprendizagem não está condicionada a uma sala de aula institucionalizada.

A abordagem qualitativa fornece dados básicos e descrições detalhadas para o desenvolvimento e a compreensão de fenômenos, a partir de comportamentos, trechos de documentos, registros, citações diretas de pessoas, correspondências, gravações, transcrições de entrevistas e discursos (PATTON, 1980; GLAZIER; POWELL, 2011).

Ainda, para Glazier e Powell (2011), a pesquisa qualitativa é melhor definida pelo que ela não é, ou seja, ela não é um conjunto de procedimentos que depende fortemente de análise estatística para suas inferências ou de método quantitativo para a coleta de dados.

A pesquisa descritiva pode utilizar de diversos métodos para realização de coleta de dados, dentre eles, a análise documental. Na análise documental o objetivo é compreender uma realidade ou fenômeno por meio da interpretação de dados e informações, e a partir da análise do pesquisador, chegar a conclusões significativas e que possam contribuir para responder os questionamentos feitos inicialmente (FLICK, 2009; PEROVANO, 2016).

Para atender aos objetivos propostos também foi usado pressupostos da pesquisa exploratória. Segundo Gil (2010), esse tipo de metodologia se dá pela familiaridade com o problema a ser investigado, a fim de tornar o entendimento sobre este mais amplo, ou a construção de hipóteses. Ele declara que “seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fenômeno a ser estudado”(p. 41).

A pesquisa descritiva é, em conjunto com a pesquisa exploratória, a mais habitualmente realizada pelos pesquisadores que estão preocupados em associar a teoria à atuação prática, sendo mais solicitada por organizações como instituições educacionais, empresas comerciais, partidos políticos, entre outros (GIL, 2010).

5.2 Seleção dos documentos

Diante da Diversidade nas escolas, torna-se cada vez mais importante discutir como os currículos vêm sendo construídos para essa nova realidade em que as relações de gênero e sexualidade e raça/etnia estão sendo desenvolvidas.

As IES são, diante deste cenário, o pilar principal de disseminação de conhecimento e aprendizagem, onde os PPC e suas matrizes necessitam incorporar temas ditos subversivos e transversais.

Assim, nesta pesquisa foi utilizado PPC e suas Matrizes Curriculares e Ementários dos cursos de Graduação em Licenciatura em Educação Física de Instituições de Ensino Superior Públicas Federais localizadas no interior do Tocantins (Miracema e Tocantinópolis) e na capital Palmas.

Cabe destacar que esses documentos são públicos e estão disponíveis nas *home page* das IES. O Quadro 1, a seguir, demonstra a seleção dos documentos analisados e os anos de publicação de cada PPC.

Quadro 1 Documentos considerados na análise de dados.

PPC IES	2014	2019
Câmpus Miracema	X	X
Câmpus Tocantinópolis	X	
Câmpus Palmas	X	

Fonte: Elaboração pelo autor.

5.3 Procedimento de coleta de dados

O estudo sedesenvolvido no período de doze meses, compreendidos entre março de 2020 e março de 2021, de modo que a coleta de dados ocorreu nos meses de agosto a novembro de 2020, em duas etapas:

Etapa 1 – Realizou-se buscas nos sites das instituições para buscar os PPCs dos cursos.

Etapa 2 – Procedeu-se à análise dos documentos buscando palavras-chaves: Gênero e Sexualidade, nos materiais.

5.4 Etapas do desenho do estudo estão descritas no Fluxograma a seguir

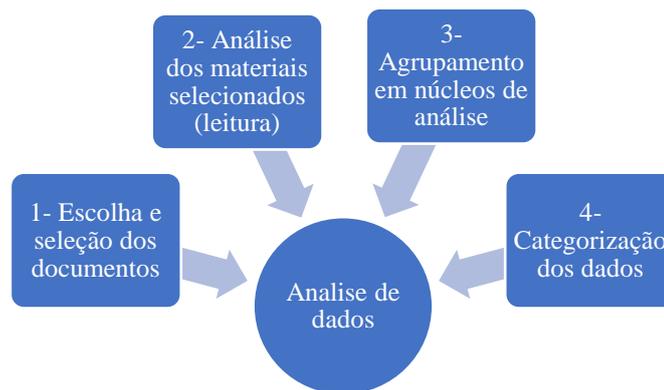


Figura 1: Desenho do estudo

A autonomia universitária pode incluir esses tópicos no currículo ou não. Os dados obtidos a partir da análise dos documentos (PPC, Matriz curricular e Ementário) serão categorizados de modo a permitir melhor compreensão dos fenômenos apreendidos.

5.5 Critérios de inclusão e exclusão

Utilizado somente os Projetos Políticos Pedagógicos, Matrizes Curriculares e Ementários dos cursos de Graduação em Licenciatura em Educação Física das Instituições de Ensino Superior Públicas Federais do estado do Tocantins e credenciadas junto ao Ministério da Educação (MEC).

5.6 Aspectos éticos

Haja vista que este estudo trata-se de uma pesquisa que utilizou o método documental com informações de acesso público, o mesmo não necessitou de avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) de acordo com a resolução 510/2016, nos termos da Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011 (BRASIL, 2011b).

6 RESULTADOS

Foram pesquisados três PCCs datados de 2014 (Miracema, Tocantinópolis e Palmas) e um PCC (Miracema) datado de 2019, todos referente ao Curso de Educação Física Licenciatura. A Resolução CNE/CES n.º 7/2004, no que diz respeito ao perfil acadêmico-profissional do graduado, descreve que o curso de licenciatura em Educação Física tem como objetivo:

formar profissionais competentes para analisar criticamente a realidade social, para nela intervir acadêmica e profissionalmente por meio das diferentes manifestações e expressões do movimento humano, visando a formação, a ampliação e o enriquecimento cultural das pessoas, para aumentar as possibilidades de adoção de um estilo de vida fisicamente ativo e saudável. (BRASIL, 2004, p. 27).

Em virtude do que foi mencionado, apontamos outro trecho citado nos quatro PPCs analisados em que é descrito que: “Devido à diversidade cultural onde o curso será ofertado, a proposta é oportunizar situações educacionais à comunidade em geral, independentemente de idade, de condições sócio-econômicas, de condições físicas e intelectuais, de gênero, de etnia, de crença, conhecimento e acessibilidade à prática das diferentes expressões e manifestações culturais do movimento humano.”

Observa-se que os PPCs datados de 2014 apresentam apenas uma disciplina que cita a palavra gênero. Vale ressaltar que no ano de 2004 foi criado o programa Brasil sem Homofobia, parceria feita com o governo federal e sociedade Civil, de onde surgiram cursos, formações continuadas, pesquisas para o “reconhecimento da diversidade sexual e de gênero e promoção da equidade social, com vistas à efetiva consolidação dos direitos humanos como direito de todas as pessoas” (HENRIQUE; et al., 2007, p. 47).

Diante disso, Nicolino (2018) apresenta em suas pesquisas que discussões de gênero nos currículos da Educação Física no Brasil, ainda são pontuais, no qual 10% dos currículos possuíam alguma menção ao tema. Vale observar que o PPC do IFTO Educação Física, câmpus Palmas, não apresenta nenhuma disciplina que tematize e/ou discuta os temas de gênero e sexualidade.

Com isso, nos voltamos para o único PPC atualizado em 2019 que pertence ao Câmpus de Miracema (UFT), em que é possível encontrar sete disciplinas que mencionam o termo gênero sem menção ao termo sexualidade, mostrando um salto significativo, embasados pelos dispositivos legais que direcionam o enfrentamento desses temas na escola e nos estágios, ligadas às questões de gênero e sexualidade desde a Educação Infantil até o Ensino Médio (Quadro 2).

Quadro 2 Descrição de disciplinas e IES que contemplam o objeto de estudo

Disciplinas	Gênero	Sexualidade	IES
Optativa III (Profissão Docente) (2014)	X		UFT-Miracema (2014)
Quarto semestre: Educação Física na Educação Infantil	X		UFT-Miracema
Quinto semestre: Educação física no Ensino Fundamental.	X		UFT-Miracema
Quinto semestre: Estágio supervisionado em Educação Física Infantil	X		UFT-Miracema
Sexto semestre: Estágio supervisionado em Educação Física no Ensino Fundamental (1º ao 5º ano)	X		UFT-Miracema
Sétimo semestre: Estágio supervisionado em Educação Física no Ensino Fundamental (6º ao 9º ano)	X		UFT-Miracema
Sétimo semestre: Educação física no Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos.	X		UFT-Miracema
Oitavo semestre: Estágio supervisionado em Educação Física no Ensino Médio	X		UFT-Miracema
Optativa: Formação docente	X		UFT-Tocantinópolis (2014)

Fonte: Elaboração pelo autor.

Vale ressaltar que no PPC do IFTO, o mesmo aponta que na instituição existe o “Núcleo de Apoio aos Direitos Humanos e Igualdade de Gênero (NADHIG)”, que, articulados com a Coordenação de Educação Inclusiva e Diversidade, fomentam a viabilização e a participação plena de ações inclusivas.” (p.60).O câmpus de Miracema também possui um Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão de Gênero, Sexualidades, Corporalidades e Direitos (NEPESCD) que, em 2020, completou 10 anos de atuação, com isso fica o questionamento: como que os PPCs de 2014 não dialogaram com esses núcleos, e como o único PPC atualizado traz o tema gênero sem referencial teórico nenhum, lembrando que nenhuma ementa apresenta disciplinas específicas com a temática gênero e sexualidade, o que nos leva a pensar no processo de formação dos nossos/as professores(as), se eles tiveram acesso a esse conhecimento, se não, por que não atualizar essa formação e trazer para esse currículo que agora as/os mesmos(as) atuam enquanto docentes? Fica o questionamento desse recém-formando.

Para que a temática possa ser abordada de forma que contemple o debate e as/os autores, será necessário a criação de uma disciplina obrigatória de Gênero e Sexualidade na Educação Física, que permita que as/os estudantes tenham acesso direto ao conteúdo desse tema.

Corroborando o trabalho, Araujo; et al. (2019) que realizou uma pesquisa cujo objetivo foi analisar como as temáticas do “gênero” e da “sexualidade” têm sido abordadas nos cursos de Licenciatura em Educação Física das Instituições de Ensino Superior públicas do Rio de Janeiro, estudo realizado na UFRJ, UFRRJ, UFF e UERJ, identificaram, nas ementas, apenas quatro disciplinas (0,85%) que abordam as temáticas do “gênero” e/ou da “sexualidade”, nos currículos de três das Instituições pesquisadas. Essas disciplinas são: “Gênero e Sexualidade na Escola” e “Estudos de Gênero na Educação Física Brasileira”, na UFF; “Núcleo de Ensino e Pesquisa I: corpo, cultura e sociedade”, na UFRRJ, “Gênero e sexualidade na Educação Física e no Esporte”, na UFRJ.

Por tudo isso, concluímos que existe um currículo oculto na formação superior em Educação Física, currículo esse que não prepara as/os formandos(as) para as relações de gênero e sexualidade e que pode prejudicar na futura intervenção pedagógica, podendo assim, perpetuar estereótipos, preconceitos, práticas de exclusão por sexualidade e gênero na Educação Física escolar.

Os cursos voltados à formação de professores, assim como a estrutura curricular, não podem ser pensados de forma isolada e desconectada. Por isso, é necessário discutirmos e refletirmos a respeito de questões relacionadas às contribuições das metodologias problematizadoras no ensino superior, especialmente nos cursos de licenciatura em educação física, visando à melhoria da qualidade desses cursos de graduação, tanto na dimensão profissional quanto na acadêmica. (METZNER, 2014, p. 641).

É necessário rever o currículo e começar a pensar como propõe Silva:

[d]iferentes currículos produzem diferentes pessoas, mas naturalmente essas diferenças não são meras diferenças individuais, mas diferenças sociais, ligadas à classe, à raça, ao gênero. Dessa forma, uma história do currículo não deve ser focalizada apenas no currículo em si, mas também no currículo como fator de produção de sujeitos dotados de classe, raça, gênero. Nessa perspectiva, o currículo deve ser visto não apenas como a expressão ou a representação ou o reflexo de interesses sociais determinados, mas também como produzindo identidades subjetividades sociais determinadas. O currículo não apenas representa, ele faz. É preciso reconhecer que a inclusão ou a exclusão no currículo tem conexões com a inclusão e exclusão da sociedade (ARAÚJO, 2016, p. 10).

A partir disso, penso que o Currículo ideal é aquele que dialoga com a sociedade atual e se apresenta de forma multidisciplinar, permitindo que as/os envolvidos(as) seja na perspectiva docente ou na discente sintam-se incluídos no processo de ensino-aprendizagem.

7 CONCLUSÃO

Diante do objetivo principal proposto “avaliar como a temática Gênero e Sexualidade são abordadas e nos PPCs e nas matrizes curriculares dos cursos de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Tocantins e Instituto Federal do Tocantins”, foi possível analisar que a temática é trazida de forma transversal, como muitas ementas as quais apresentam o PCN que tematiza a transversalidade do tema, mas que não aprofunda o debate, na maioria das ementas foi apenas citado o termo questões de gênero ou so a palavra genero mais sem acompanhar uma autora(or) que fomente e debata o tema com mais profundidade.

Diante desses dados, é possível identificar que ainda temos muito que avançar nos PPC dos cursos de Educação física de IF e UF no estado do Tocantins, onde os estudos de gênero e sexualidade ainda não fazem parte de maneira contundente e com a devida atenção para promover uma formação que valorize as diferenças socioculturais, principalmente as questões de gênero, sexualidade e identidades.

Acredita-se que o caminho surge a partir da construção do referencial teórico deste trabalho, apresentamos aqui, pesquisadoras/es feministas, gays, lésbicas, travestis, negras/os, para que seja possível visibilizar essa categoria, que seja levado para dentro dos Currículos e possibilite formar professores mais democráticos.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. **Revista latino-americana**. Rio de Janeiro, n. 3, p. 69-82, 2013.

ANDRADE, B.; CECILIA, I.; FROEMMING, N. **Gênero, Sexualidade e Direitos: Construindo Políticas de Enfrentamento ao Sexismo e a Homofobia**. Palmas, Tocantins: 2012. p.257.

ANDRADE IRINEU MARCOS FELIPE GONÇALVES MAIA, B. **Gênero e Diversidade na Escola: cenas, contextos e indicadores da região do Tocantins**. Palmas - TO: 2018.
 ARAUJO, R. P. Gênero, diversidade sexual e currículo: praticas discursivas e de (não) subjetivação no ambiente escolar. 1. Ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2016. p. 150.

ARAUJO, R.; CAMARGO, F.P. Gênero, Diversidade Sexual e Currículo: um dialogo possível e necessário. In.: ANDRADE, B.; CECILIA, I.; FROEMMING, N. **Gênero, Sexualidade e Direitos: Construindo Políticas de Enfrentamento ao Sexismo e a Homofobia**. Palmas, 2012. p. 39-57.

BENEVIDES, B. G.; NOGUEIRA, S. N. B. **Dossiê Assassinatos e Violência contra Travestis e Transexuais brasileiras em 2020**. (Orgs). – São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021 136p.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais para o Ensino Fundamental**. Brasília/Secretaria de Educação Fundamental: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Presidência da República. **Lei N° 12.527**, de 18 de novembro de 2011. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5° , no inciso II do § 3° do art. 37 e no § 2° do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei nº 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. Casa Civil, 2011b.

BRASIL. **RESOLUÇÃO N° 2, de 2015**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Disponível em:
 <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf&category_slug=agosto-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 08/01/2021.

BUTLER, J. Actos Performativos e constituição de gênero. **Journal of Chemical Information and Modeling**, v. 53, n. 9, p. 1689–1699, 2019.

M CERQUEIRA, C. ALMEIDA, G. GAY DA BAHIA; et al. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019: Relatório do GrupoGay da Bahia** – 1. ed. – Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020.

DORNELES, P. G. WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Orgs). **Educação física e gênero: desafios educacionais**. Ijuí: Unijuí, 2013.

DORNELES, P. G. WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Orgs). **Educação física e sexualidade: desafios educacionais**1. Ijuí: Unijuí, 2017.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3. ed., PortoAlegre:Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, p. 184. 2010.
GLAZIER, J. D.; POWELL, R. R. **Qualitative research in information management**. Englewood: LibrariesUnlimited. 2011.

GOELLNER, S. V. A contribuição dos Estudos de Gênero e Feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. In.: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Orgs.). **Educação Física e Gênero: desafios educacionais**. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 23-43.

HENRIQUES, R. et al. Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos. **Cadernos SECAD 4**, p. 87, 2007.

Hooks, bell. Educação Democrática. In: MARIANO, Alessandro *et al.* **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 199-207.

JESUS, B. et. al. **Diversidade Sexual na Escola: uma metodologia de trabalho com a dolescentes e jovens**. São Paulo: Ecos, Corsa, 2006.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 1, n. 01, 27 nov. 2012.

KRIPKA, R. M. L.; SCHELLER, M. BONOTTO, D. L. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Revista de Investigaciones UNAD**, Bogotá - Colômbia, v. 14, n. 2, jul./dez. 2015.

LACERDA, M. C.; ALMEIDA, G. Exclusão “da” e “da” Educação Superior. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, n. 47, v. 19, p. 232 – 247, 2021.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6º ed. Petropolis, RJ: 2003.

LOURO, G. L. **O corpo educado : pedagogias da sexualidade**. 2º ed. Belo Horizonte - MG: Autêntica, 1999.

MARIANO, A. *et al.* **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

METZNER, A.C. Proposta didática para o curso de licenciatura em educação física: aprendizagem baseada em casos. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 637-650, jul./set. 2014.

NICOLINO, A. Gênero nos currículos de formação docente em Educação Física no Brasil. In: PARAÍSO, M.A; CALDEIRA, M.C.S. **Pesquisas sobre currículos, gênero e sexualidades**: 1.ed. Mazza Edições: Belo Horizonte: 2018, p.73-91.

PATTON, M. Q. **Qualitative evaluation methods**. Beverly Hills: Sage. 1980.

PEROVANO, D. G. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica**, Ed. Intersaberes, 1. ed., p. 384, 2016.

POCAHY, F. Gênero e Sexualidade na Escola: desafios para a educação como pratica reflexiva da liberdade. In.: ANDRADE, B.; CECILIA, I.; FROEMMING, N. **Gênero, Sexualidade e Direitos: Construindo Políticas de Enfrentamento ao Sexismo e a Homofobia**. Palmas, 2012. p. 19-37.

POCAHY, F. Interseccionalidade: uma prática-teorização feminista possível na “era pós-gênero”? In.: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Orgs.). **Educação Física e Gênero: desafios educacionais**. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 69-87.

ROCHA, J. D. T. Juventude LGBT e bullying homofóbico nas instituições educacionais: relatos e debates de experiências no Tocantins. In.: ANDRADE, B.; CECILIA, I.; FROEMMING, N. **Gênero, Sexualidade e Direitos: Construindo Políticas de Enfrentamento ao Sexismo e a Homofobia**. Palmas, 2012. p. 167-195.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Rev. Brasileira de História & Ciências Sociais**, n. 1, jul. 2009.

SCOTT, J. et al. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995.

SILVA, T. T. **Teorias de Currículo: uma introdução crítica**. Porto: Porto Editora Ltda, 2000.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.